

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ANÁLISE DO CLIPE ANOTHER BRICK IN THE WALL SOB A
PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO BANCÁRIA DE PAULO FREIRE**

ANA VERGÍNIA RAMOS COSTA

CAMPINAS

2022

ANA VERGÍNIA RAMOS COSTA

**ANÁLISE DO CLIPE ANOTHER BRICK IN THE WALL SOB A
PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO BANCÁRIA DE PAULO FREIRE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas,
como requisito à obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Guilherme do
Val Toledo Prado.

CAMPINAS

2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação
Rosemary Passos - CRB 8/5751

C823a Costa, Ana Vergínia Ramos, 1993-
Análise do clipe another brick in the wall sob a perspectiva da educação bancária de Paulo Freire / Ana Vergínia Ramos Costa. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Guilherme do Val Toledo Prado.
Coorientador: Inês Ferreira de Souza Bragança.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Freire, Paulo, 1921-1997. 2. Pink Floyd (Conjunto musical). 3. Educação. 4. Narrativas. I. Prado, Guilherme do Val Toledo, 1965-. II. Bragança, Inês Ferreira de Souza, 1969-. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. IV. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Analysis of the music video another brick in the wall under a Paulo Freire's banking education perspective

Área de concentração: Pedagogia

Titulação: Licenciatura em Pedagogia

Data de entrega do trabalho definitivo: 09-12-2022

ANA VERGÍNIA RAMOS COSTA

**ANÁLISE DO CLIPE ANOTHER BRICK IN THE WALL SOB A
PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO BANCÁRIA DE PAULO FREIRE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas,
como requisito à obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia.

Campinas, ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado.

Prof.^a Dr^a. Inês Ferreira de Souza Bragança.

DEDICATÓRIA

Dedico o presente trabalho aos meus pais, Maria Aparecida e Sergio, que apesar de não terem chegado ao ensino superior, sempre incentivaram seus filhos a frequentá-lo e nunca mediram esforços para nos ajudar e fazer com que essa jornada fosse cumprida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem a permissão dEle eu não teria começado essa caminhada. Sem a sua paz e sabedoria, não poderia ter prosseguido nessa jornada pela conquista de um dos maiores sonhos da minha vida.

Aos meus pais por me apoiarem de todas as formas possíveis e estarem sempre ao meu lado.

Às minhas amigas Brenda, Bruna, Kátia, Mariana e Tainá pelas risadas, trabalhos e desesperos partilhados, a graduação teria sido muito solitária sem a presença de vocês. Mas quero fazer um agradecimento em especial à Samantha, sem o seu apoio, parceria, motivação e puxões de orelha não teria conseguido terminar a faculdade com alguma sanidade mental. A todas vocês, obrigada por me ajudarem a crescer como pessoa e profissional.

Ao Professor Guilherme, por me ajudar a ter a certeza de que escolhi a profissão certa, por ouvir e acolher todas as frustrações e incertezas da docência. E por sempre lembrar que, mesmo que ela dê trabalho, vale a pena lutar pela educação.

À Professora Inês por aceitar dialogar comigo neste trabalho, e por nas poucas vezes em que nos encontramos, me fazer admirar a sua delicadeza e sensibilidade.

A todos os professores da Faculdade de Educação por me ajudarem a descobrir a educadora que quero me tornar e por contribuírem com tanta sabedoria, inteligência e dedicação à nossa formação docente.

A tarefa de ensinar é uma tarefa profissional que, no entanto, exige amorosidade, criatividade, competência científica, mas recusa a estreiteza cientificista, que exige a capacidade de brigar pela liberdade sem a qual a própria tarefa fenece.

(FREIRE, 2022, p. 29).

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma análise do clipe 'Another brick in the wall' da banda inglesa Pink Floyd, na forma de narrativa e dialogando com a concepção de educação bancária de Paulo Freire. São destacadas várias cenas do clipe a serem analisadas ao longo da narrativa, de forma bastante descritiva do que está acontecendo em cada uma delas. Mesmo que se tenha por base a concepção de educação bancária, há um diálogo com vários outros conceitos do autor perpassando por alguns de seus livros.

Palavras-chave: Paulo Freire; Pink Floyd; narrativa; educação bancária; análise; oprimidos; opressores.

ABSTRACT

The present work presents an analysis of the music video 'Another brick in the wall' by the English band Pink Floyd, in the form of a narrative and dialoguing with Paulo Freire's conception of banking education. Several scenes from the music video are highlighted to be analyzed throughout the narrative, in a very descriptive way of what is happening in each one of them. Even if it is based on the concept of banking education, there is a dialogue with several other concepts of the author running through some of his books.

Keywords: Paulo Freire; Pink Floyd; narrative; banking education; analysis; oppressed; oppressors.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Cena 1.1 - Mãos para fora	15
Figura 2 - Cena 1.2 - Máscaras.....	16
Figura 3 - Cena 1.3 - Professor	17
Figura 4 - Cena 2.1 - Sala dos Professores	19
Figura 5 - Cena 2.2 - Humilhação	19
Figura 6 - Cena 2.3 - Agressão	20
Figura 7 - Cena 3.1 - Oprimido.....	22
Figura 8 - Cena 3.2 - Opressor.....	23
Figura 9 - Cena 3.3 - Oprimido.....	23
Figura 10 - Cena 4.1 - Fila.....	24
Figura 11 - Cena 4.2 - Controle.....	25
Figura 12 - Cena 4.3 - Professor	26
Figura 13 - Cena 5.1 - Visão Panorâmica	27
Figura 14 - Cena 5.2 - Fila para o moedor	28
Figura 15 - Cena 5.3 - Moedor	28
Figura 16 - Cena 6.1 - Rebelião	30
Figura 17 - Cena 6.2 - Rebelião	30
Figura 18 - Cena 6.3 - Destruição da escola	31
Figura 19 - Cena 6.4 - Destruição da escola	31
Figura 20 - Cena 6.5 - Incêndio na escola	32

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	HISTÓRIA DO CLIPE	13
3	ANÁLISE DAS CENAS	15
4	EDUCAÇÃO BANCÁRIA	33
	Pedagogia do Oprimido	33
	Pedagogia da Esperança	38
	Professora, sim; Tia, não. Cartas a quem ousa ensinar	44
5	CONCLUSÃO	47
	REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

Há alguns meses, reassisti o clipe da banda britânica Pink Floyd “Another brick in the wall” e percebi quantas possibilidades de análise existiam nele. Posso afirmar com certeza que na primeira vez que assisti esse clipe não tinha o olhar que tenho hoje: o de uma educadora formanda, que orgulhosamente pode dizer que já sabe reconhecer algumas problemáticas presentes em sala de aula.

Durante a minha formação, me deparei muitas vezes com a expressão “educação bancária”, e confesso que nas primeiras vezes não entendi completamente seu significado. Educação bancária, termo utilizado por Paulo Freire, se refere ao ato do professor depositar todo o seu conhecimento nos educandos, sem levar em consideração os conhecimentos já existentes neles.

Segundo Paulo Freire, “a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante” (FREIRE, 1983, p.66) quando em sala de aula ainda se utiliza do método de memorização mecânica do conteúdo, sem nenhuma análise, sem nenhuma criticidade. Pensando nisso, o presente trabalho busca dialogar com Paulo Freire sobre essa educação bancária, como ela geralmente está inserida dentro das escolas e abordar alguns de seus conceitos que ajudam na transformação dessa educação, como podemos trabalhar para a formação de educandos que pensem criticamente e saibam problematizar o mundo à sua volta.

As páginas a seguir contém a análise do clipe em questão e o diálogo com alguns dos livros de Paulo Freire, como citado anteriormente. Traz também uma breve história da banda Pink Floyd e de seu álbum ‘The wall’.

2 HISTÓRIA DO CLIPE

A música “Another brick in the wall” (Outro tijolo no muro) foi lançada em 1979, no disco intitulado The wall da banda Pink Floyd. Esse disco e essa música fizeram tanto sucesso que são referência do rock progressivo até hoje. O álbum The Wall tem 2 discos com 13 faixas cada um, e as músicas juntas constroem uma história baseada nos acontecimentos da vida do vocalista da banda Roger Waters.

Além do álbum, The Wall se tornou um filme e a música “Another brick in the wall” é composta por três partes. Cada parte da música conta um pedaço da história de Roger Waters conforme ele vai se tornando adulto e mostrando os altos e baixos de sua vida. A letra dessa música aborda muitos temas importantes e serve como um protesto, alguns desses temas são: sistema educacional (da Inglaterra), ideologia, autoritarismo e sociedade.

Roger Waters viveu sua infância e seus primeiros anos na escola sob o contexto da Guerra Fria e essa primeira parte da música fala sobre as suas memórias (ou falta delas) do seu pai que faleceu lutando na guerra. Esse acontecimento lhe trouxe um trauma, e na letra da música podemos entender que quando ele fala sobre tijolos, ele está se referindo aos traumas e tristezas que foram se acumulando em sua vida para construir um muro. Podemos verificar na letra da música que ele fala sobre os seus traumas e que a ausência do seu pai não é apenas um tijolo, essa ausência foi a causa de muitos outros tijolos em sua vida.

“All in all it was just a brick in the wall”
No fim das contas foi apenas um tijolo no muro
“All in all it was all just bricks in the wall”
No fim das contas foram apenas tijolos no muro.

Antes de começar a parte dois da música, toca uma faixa intitulada “The happiest days of our lives” (Os melhores dias de nossas vidas), onde ele narra sobre o autoritarismo dos professores - corresponde à descrição da cena dois no capítulo dois. Nessa faixa, podemos entender o tipo de educação que Pink, personagem do filme The Wall, estava recebendo na escola. As escolas mantinham um regime autoritário e muito rígido com professores igualmente autoritários e rígidos, além disso, Pink era repetidamente insultado pelo seu professor. Encontramos nessa faixa

também uma crítica pesada a esse sistema educacional britânico baseado no modelo totalitário, onde não havia estímulo algum à imaginação, criatividade, valores éticos e principalmente, não estimulava o pensamento crítico das crianças.

Na parte II da música “Another brick in the wall” (Outro tijolo no muro), um coral de crianças começa a cantar em tom de protesto, contra a repressão que esse sistema educacional impõe às crianças. Esse coral é da escola Islington Green School, que foi convidado pela banda para declamarem e cantarem algumas partes da música.

Na época em que Roger Waters estava frequentando a escola, nos EUA, estavam acontecendo revoltas, porque crianças negras queriam o DIREITO de frequentar as escolas. No mesmo ano em que essa música foi lançada, em 1979, estava acontecendo Apartheid na África do Sul e essa música tornou-se um grito de protesto, um grito de guerra, passando a ser proibida nesse país.

A parte II da música não se restringe a falar apenas sobre a escola, e sobre o sistema educacional vigente na época, é uma revolta contra todo um sistema opressor, não só nas escolas, mas um sistema que atinge a vida de uma nação inteira, de um continente, até.

[...] o totalitarismo – quer seja mais ou menos articulado, quer seja justificado por ideologias contrapostas, quer seja mais ou menos *soft* – foi uma presença constante e um atalho (trágico) para a solução de problemas em tempos de crise, enfrentando – os por meio do controle e da repressão (até o limite do extermínio) e por meio da criação de canais de conformação forçada (a começar da escola, que se torna expressa e prioritariamente lugar de reprodução da ideologia). (CAMBI, 1999, p. 510).

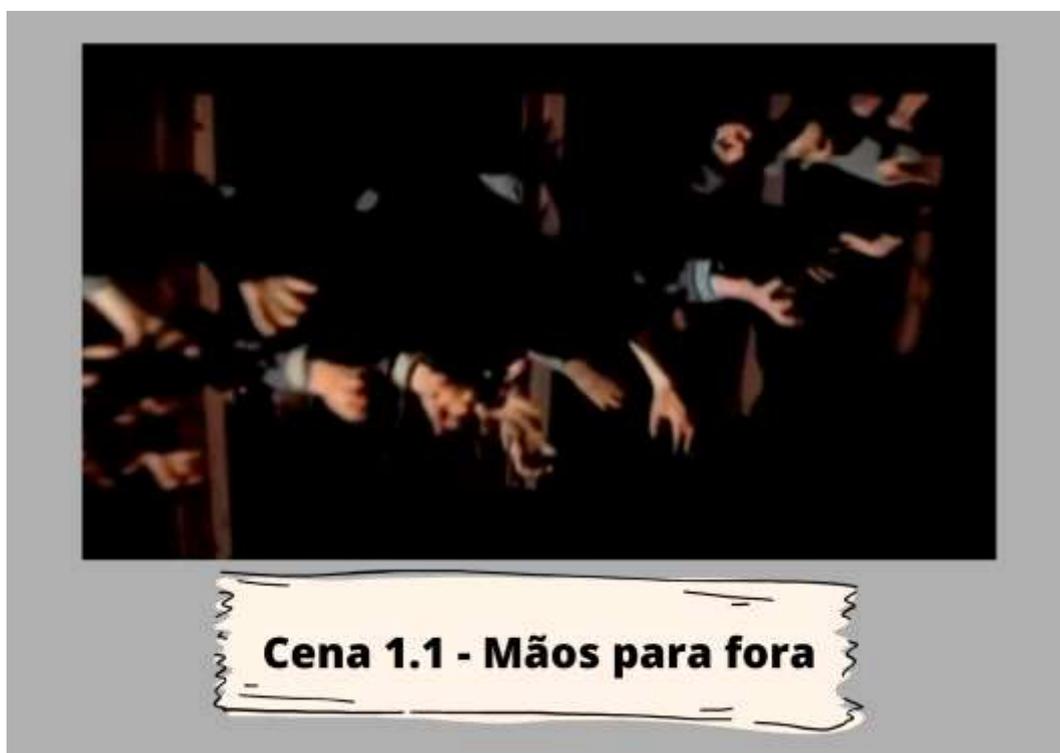
Na parte III da música o cenário muda, e Pink já se tornou um adulto que conquistou a fama com sua banda. Porém, é um adulto isolado do resto do mundo, com um “muro” construído para afastar as pessoas e proteger suas emoções. Nesse contexto, Pink é traído pela esposa e isso o leva a decidir que não precisa de nada nem de ninguém desse momento em diante. O presente trabalho focalizará apenas a parte II da música.

3 ANÁLISE DAS CENAS

Cena 1: No clipe, a primeira cena começa com um menino e dois amigos descendo um barranco para chegarem aos trilhos de um trem com uma caixinha de balas nas mãos. Quando chegam lá, começam a dividir as balas (de arma) para colocarem nos trilhos para que elas explodissem em contato com as rodas do trem. O trem se aproxima rápido e um dos meninos se aproxima mais do trem que os seus amigos, como ele tem pouco tempo para sair dos trilhos, ele encosta na parede do túnel. As balas causam apenas um barulho quando o trem passa por cima e saem algumas faíscas.

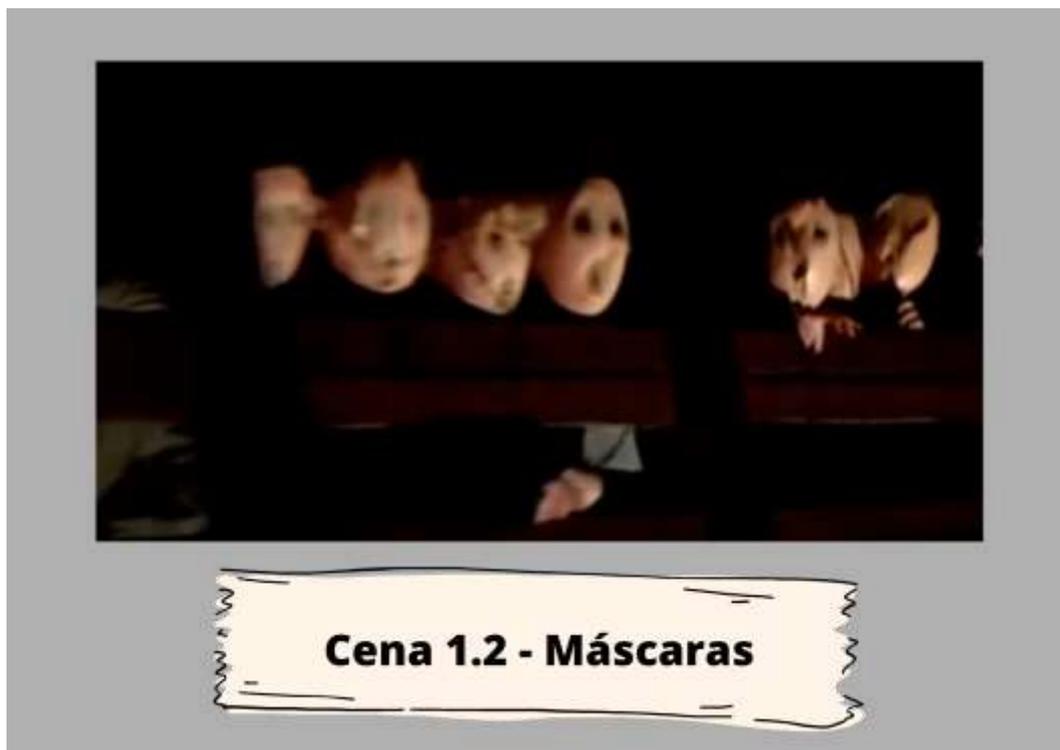
Enquanto está observando os vagões passarem em sua frente, esse menino vê que dentro desses vagões estão muitas crianças com as mãos para fora como se pedissem ajuda, ou como se estivessem presas, tive essa impressão. Elas estavam usando máscaras que desfiguram os seus rostos. É uma cena um tanto quanto perturbadora, mas acredito que esse era o objetivo. **(Cena 1.1 e Cena 1.2)**

Figura 1 - Cena 1.1 - Mãos para fora



Fonte: (Roger Waters, 1979)

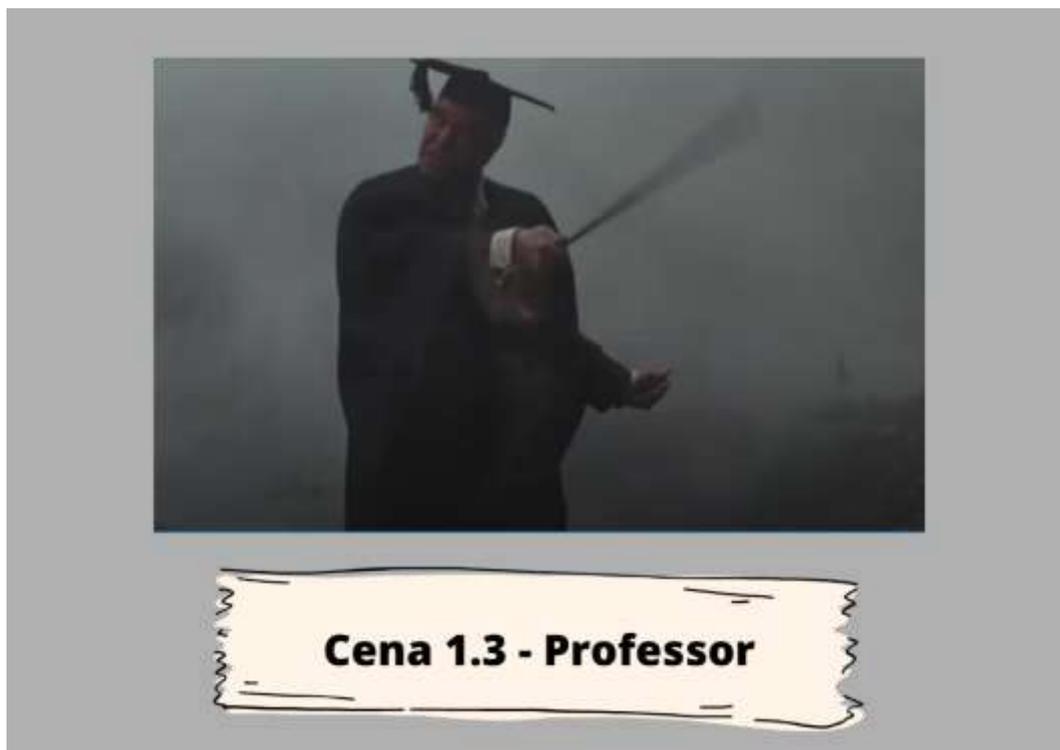
Figura 2 - Cena 1.2 - Máscaras



Fonte: (Roger Waters, 1979)

Logo após o vagão passar, temos um corte de cena e o menino que está nos trilhos aparece alguns segundos usando a mesma máscara das outras crianças. Nesse momento, aparece nos trilhos também uma figura de um homem que claramente representa um professor, com uma beca preta e longa, um chapéu de formatura e uma varinha na mão, gritando com o menino e dizendo que ele não escaparia dele. **(Cena 1.3)**

Figura 3 - Cena 1.3 - Professor



Fonte: (Roger Waters, 1979)

O que eu vejo nessa cena, assim como no clipe todo, é que Roger Waters quis fazer uma crítica ao ensino da Inglaterra naquela época, mas muito mais que apenas uma crítica ao ambiente escolar, vejo uma crítica a um sistema opressor.

No prefácio do livro “Pedagogia do Oprimido”, o Professor Ernani Maria Fiori diz logo no início que “Em sociedades cuja dinâmica estrutural conduz à dominação de consciências, “a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes”. Logo, onde a classe dominante poderia exercer maior dominação do que nas escolas? Essa dinâmica estrutural, como diz Ernani, permanece até os dias de hoje, pois são nítidas as tentativas de controle de consciências. No clipe, entretanto, a representação do controle é literal, para causar impacto e deixar bem claro que o objetivo é incomodar e nos fazer refletir. Será que as nossas crianças se sentem dessa forma quando somos autoritários? Quando exercemos certa opressão, porque sim, infelizmente às vezes nos deixamos levar.

As crianças no vagão e as máscaras representam que elas não têm uma identidade dentro da escola, portanto, não podem ser elas mesmas. Nessa escola não

há espaço para criatividade, diversão, ludicidade ou qualquer outro adjetivo que você possa pensar para se referir a uma criança nos dias atuais.

O professor gritando nos trilhos, dizendo que ele não vai escapar, mostra que o personagem Pink não aceita ainda ser manipulado como o restante das crianças, mas que o professor não vai desistir até conseguir fazer o mesmo que fez com as outras crianças com ele.

O fato de o professor estar usando uma beca e um chapéu de formatura talvez simbolize que ele é recém-formado, ou que não tenha experiência em sala de aula. Isso talvez explique, mas não justifique, as atrocidades que virão a seguir.

Cena 2: Na segunda cena, o vocalista começa a cantar que quando as crianças crescem e vão para a escola, alguns professores feriam as crianças da forma que eles podiam. Enquanto essa parte da música é cantada, a cena está na sala dos professores assim que toca o sinal para o começo das aulas, e eles se organizam para irem até as salas (**Cena 2.1**). Quando o clipe passa para a sala de aula, o mesmo professor que estava nos trilhos na cena do começo aparece dando aula, enquanto o menino do início está escrevendo em um caderninho, o professor o toma da mão dele (**Cena 2.2**). A música continua e diz que os tais professores que feriam as crianças, também zombam delas e exibem as fraquezas que elas tentam esconder de todos com cuidado. Nesse momento, ele lê em voz alta para a turma o que Pinky tinha escrito e o ridiculariza na frente deles dizendo que tudo aquilo é lixo e que ele deve voltar a estudar, batendo com uma régua em sua mão e fazendo que a classe repita a matéria que ele está ditando (**Cena 2.3**).

Figura 4 - Cena 2.1 - Sala dos Professores



Cena 2.1 - Sala dos Professores

Fonte: (Roger Waters, 1979)

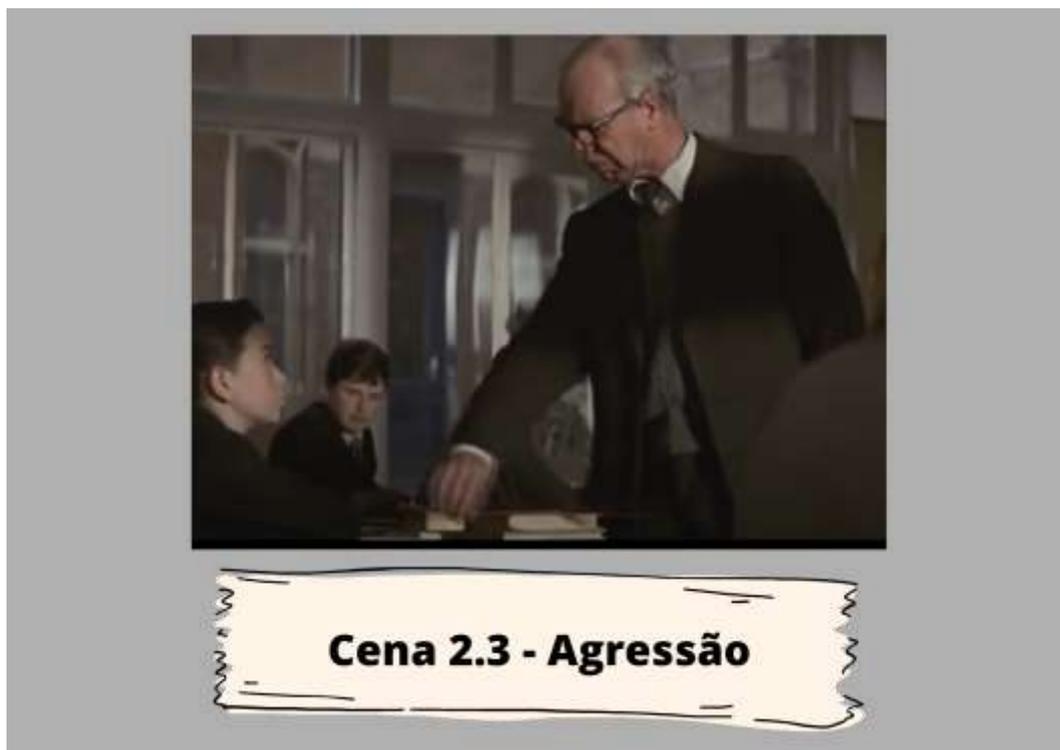
Figura 5 - Cena 2.2 - Humilhação



Cena 2.2 - Humilhação

Fonte: (Roger Waters, 1979)

Figura 6 - Cena 2.3 - Agressão



Fonte: (Roger Waters, 1979)

Essa cena me faz lembrar muito da educação tecnicista que estudei durante a graduação, principalmente o fato de o professor fazer com que as crianças repitam o que ele diz. Além da ausência do pensamento crítico, a Pedagogia Tecnicista focava em preparar trabalhadores e nesse processo, era como se padronizasse os alunos e alunas e não existissem mais crianças, e sim apenas futuros trabalhadores. Uma das definições de Pedagogia Tecnicista que encontrei foi a de Menezes (2001): “Além de apresentar características autoritárias, a pedagogia tecnicista pode ser considerada não-dialógica, ou seja, ao aluno cabe assimilar passivamente os conteúdos transmitidos pelo professor”. É uma Pedagogia que se assemelha muito com a concepção bancária abordada por FREIRE (2021):

Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante. Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. (FREIRE, 2021, p. 80)

As crianças não são receptáculos vazios! Elas têm sentimentos, emoções e vontades. Conhecimentos que nós não nos damos conta porque estamos

ocupados demais em cima do pedestal do conhecimento. Segundo Freire (2021), na visão “bancária” da educação, o conhecimento é uma doação dos que acham que tudo sabem aos que acham que nada sabem. Quando achamos em nossa arrogância que apenas nós, professores, somos detentores do conhecimento, perdemos uma chance maravilhosa de nos conectarmos com os educandos e aprendermos com eles.

O que me causa desconforto com relação a essa frieza com que o professor do clipe “ensina” é que tenho estudado como a ludicidade é ESSENCIAL à criança em seu processo de ensino-aprendizagem, e como jogos e brincadeiras ajudam nesse processo. Repetir um conteúdo até que ele seja decorado não é de fato aprender. Depois de um tempo esse conteúdo se perde nas memórias, pois não estarão repetindo ou revisando as mesmas coisas.

Isso é comprovado pela ciência com os estudos sobre a curva do esquecimento de Hermann Ebbinghaus. Basicamente, com o passar do tempo acontece um declínio na retenção da nossa memória se o que estudamos não for revisado com certa frequência. É muito diferente decorar um conteúdo do que aprender de forma significativa, como por exemplo, por meio de um jogo ou de uma brincadeira, e, sim, as crianças aprendem brincando.

Segundo Reverbel (1989, p.12), “pelo jogo desenvolve-se a criatividade, a espontaneidade, a inteligência, a linguagem, a coordenação, o controle sobre si mesmo, o prazer de realizar algo, a autoconfiança.”, em suma, não encontro contraindicações ao lúdico, aos jogos e brincadeiras, mas no contexto do clipe, tudo o que era oferecido aos educandos era o depósito de conhecimentos que o professor detinha.

O fato é que a educação representada no clipe não é dialógica, não é lúdica e com certeza, não estimula a criatividade de nenhum dos educandos presentes nessa sala, a educação que eu vejo nesse clipe vai contra tudo o que eu tenho estudado para desenvolver em sala.

Essa cena me incomoda como professora, já me apropriando de minha futura profissão, pois eu tenho estado em salas de aula e obviamente, os alunos não são robôs. Não respondem a comandos de sentar, levantar e aprender, não existem botões que liguem determinadas tarefas neles. E não é para ser desse modo. É importante que a educação seja prazerosa e libertadora, uma educação que leva ao

conhecimento pode ser o maior poder que alguém pode ter e usufruir. A educação deveria ser um ato de amor.

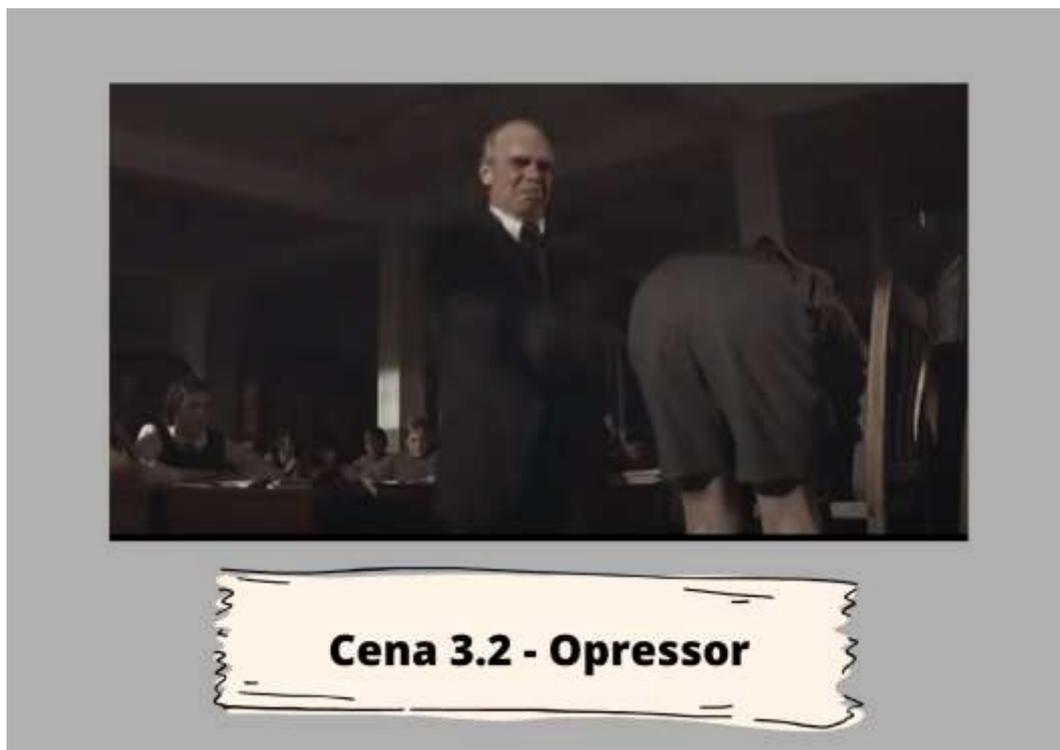
Cena 3: Quando acaba essa cena, a música continua na parte em que o cantor fala que na cidade toda é conhecido que quando os professores chegam em casa, as esposas psicopatas acabam com a vida deles. Nessa cena, o professor é obrigado a comer o que tinha em seu prato (**Cena 3.1 e Cena 3.3**), e nessa hora aparecem flashes dele batendo em alguns de seus alunos enquanto o restante da classe assiste (**Cena 3.2**).

Figura 7 - Cena 3.1 - Oprimido



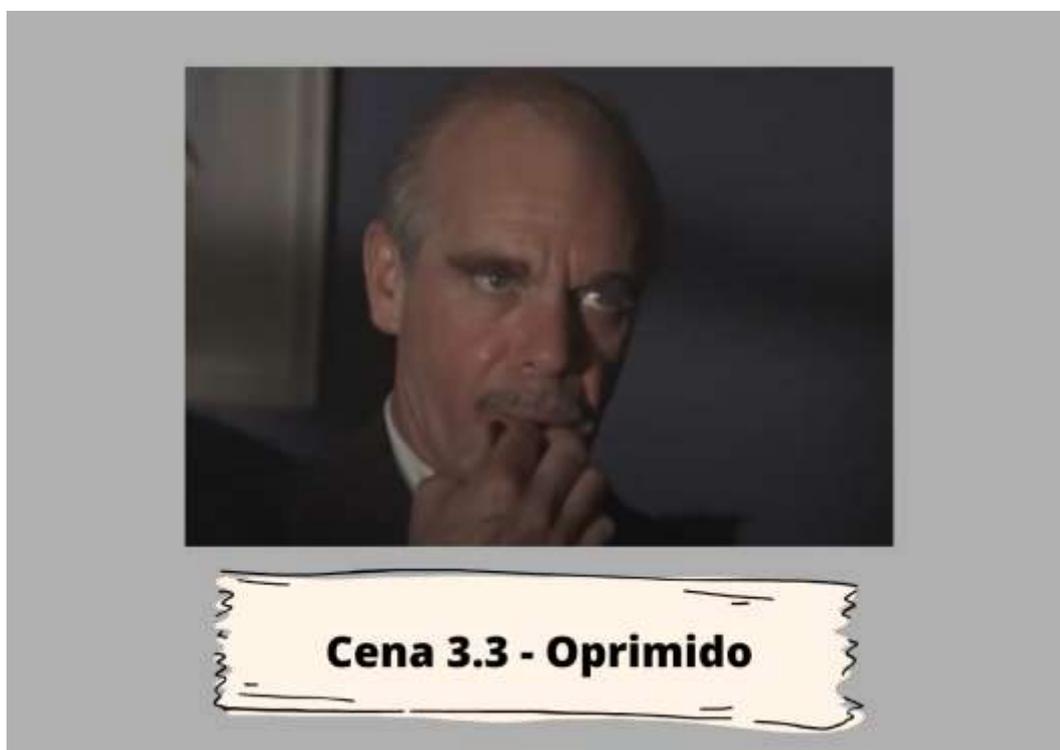
Fonte: (Roger Waters, 1979)

Figura 8 - Cena 3.2 - Opressor



Fonte: (Roger Waters, 1979)

Figura 9 - Cena 3.3 - Oprimido

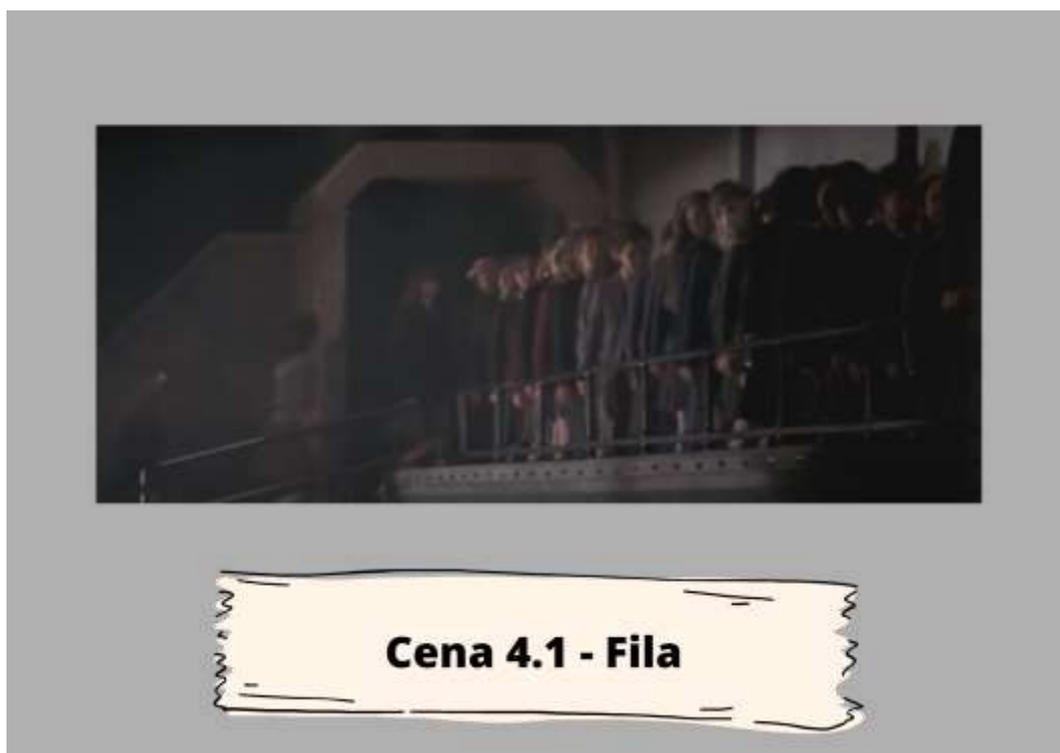


Fonte: (Roger Waters, 1979)

Claramente, o oprimido se tornou o opressor. Pelo fato desse professor não ter liberdade de escolha em sua própria casa e por ser reprimido dessa forma, ele procura descontar todas as suas frustrações em seus alunos. Podemos até compreender o porquê esse professor age assim, mas nunca concordar ou compactuar com esse tipo de situação. É simplesmente inaceitável para mim que um professor decida machucar um aluno (ou educando?) pois isso é uma decisão. Não importa o que o a criança em questão fez, sempre há outros meios, outras possibilidades de atuação.

Cena 4: Nesse momento, podemos ouvir um grito angustiado e a música está na parte que diz *“Não precisamos de nenhuma educação; Não precisamos de controle mental; Chega de humor negro na sala de aula; Professores, deixem as crianças em paz”* e enquanto estão cantando há uma fila de crianças, andando como se fossem robôs ou estivessem sendo controladas no clipe **(Cena 4.1)**.

Figura 10 - Cena 4.1 - Fila

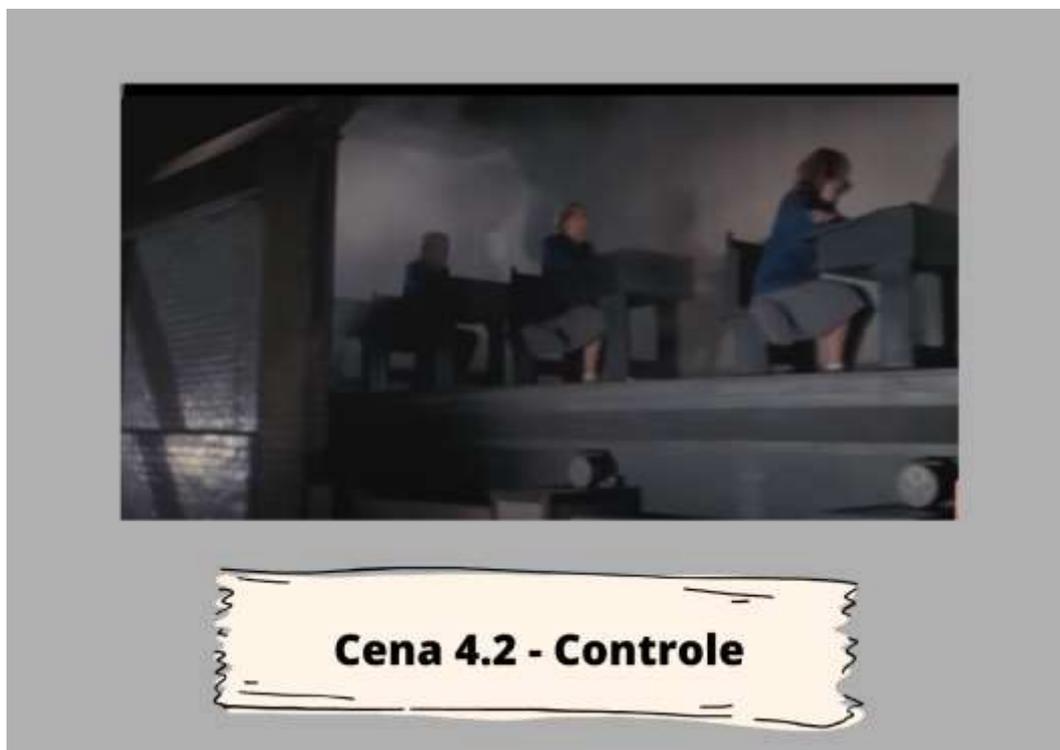


Fonte: (Roger Waters, 1979)

Então, as crianças aparecem sentadas em carteiras escolares usando máscaras desfiguradas, as mesmas máscaras que aparecem no trem, no começo do clipe **(Cena 4.2)**. Nessa parte, a música diz: *“Ei! Professores! Deixem essas crianças em paz; No fim das contas era apenas um tijolo no muro; No fim das contas, vocês*

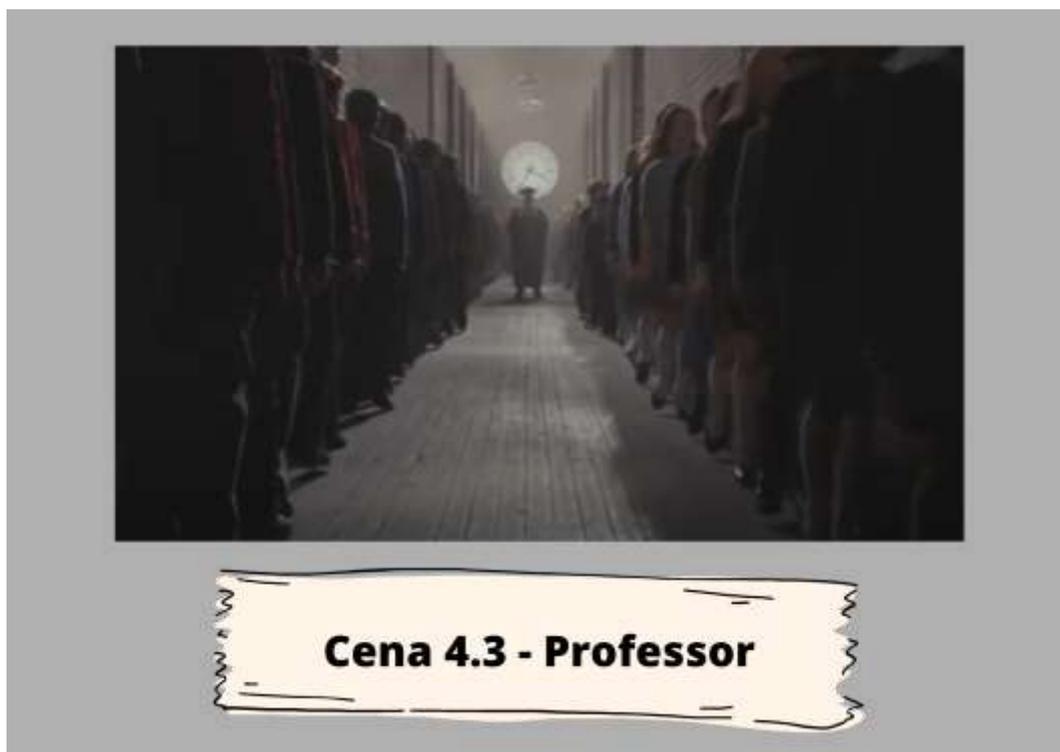
eram apenas tijolos no muro”, e a cena do clipe muda para uma visão panorâmica de cima das salas de aula, as crianças aparecem ‘marchando’, enquanto o professor está entre duas filas gritando: “Errado! Faça de novo!” (**Cena 4.3**).

Figura 11 - Cena 4.2 - Controle



Fonte: (Roger Waters, 1979)

Figura 12 - Cena 4.3 - Professor



Fonte: (Roger Waters, 1979)

Esse canto de protesto me dá arrepios, não por ser uma cena forte, ou por ser uma forma literalmente explícita. O que me causa arrepios é que ainda hoje, no ano de 2022, eu vejo crianças sentadas dessa forma nas escolas, e vejo professores tentando controlar a todo custo cada movimento feito pelas crianças. Sei que ainda não tenho tanta experiência assim, e nem todas as experiências são ruins também, mas identifico muitos pontos que deveriam ser discutidos e mudados.

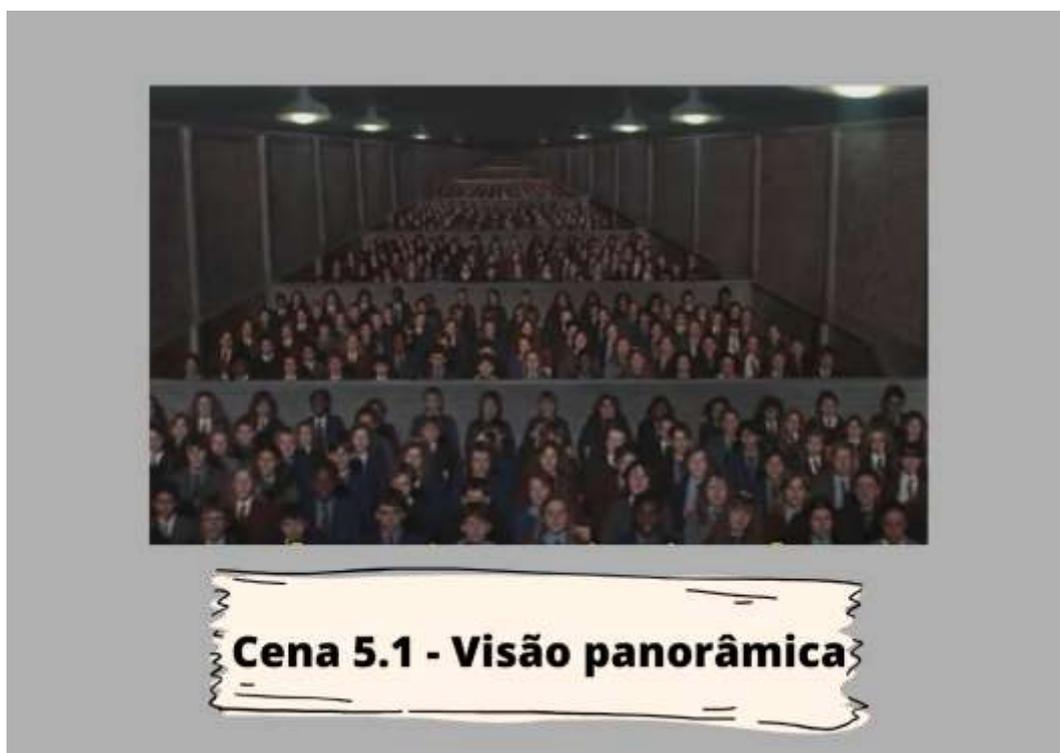
No clipe, assim como comentei em outra cena, as crianças parecem robôs, porém crianças não o são. Não devem ser controladas. E essa é uma das maiores críticas que eu vejo em todo o clipe. A minoria opressora ataca as crianças, pois se não existirem crianças com pensamento crítico, não existirão adultos com pensamento crítico. Se você não sabe identificar certas coisas, você é muito mais fácil de ser controlado, esse é o ponto, esse é o objetivo. É claro que essa criticidade pode ser desenvolvida ao longo da vida, mas vamos concordar que é muito mais fácil aprender a fazer algo quando isso é desenvolvido desde a infância.

O controle dos opressores consiste em trabalhar para manter os opressores no poder, e os oprimidos sob o controle deles, sem que possam se libertar de qualquer

amarra ou controle. O que pode libertar alguém é o conhecimento, e não é de interesse de nenhum opressor que os que vivem à margem tenha acesso a ele.

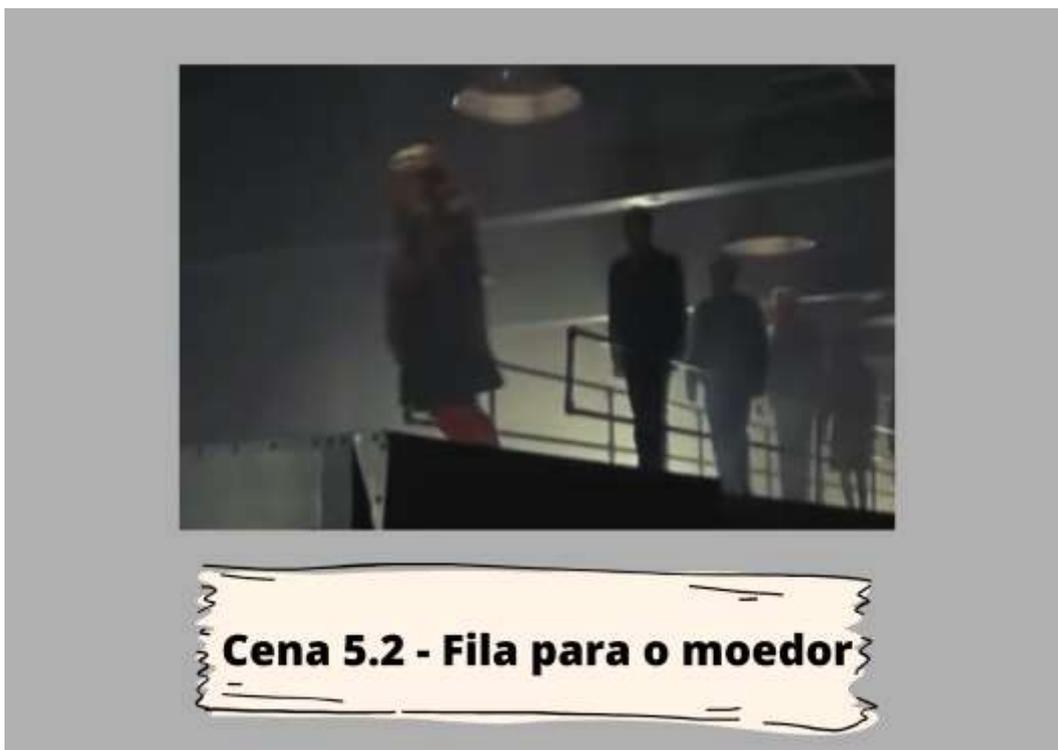
Cena 5: Na cena seguinte, temos outra visão panorâmica de cima (**Cena 5.1**) do que parece ser um galpão com algumas divisórias, com fileiras de alunos cobrindo todo o espaço e cantando: “*Não precisamos de nenhuma educação; Não precisamos de controle mental...*” enquanto o professor grita autoritariamente com os alunos e eles aparecem em cenas nas salas de aula cantando, cenas do professor humilhando o Pinky, e de alguns alunos caindo em uma máquina, que acaba sendo um moedor de carne (**Cena 5.2 e Cena 5.3**). As crianças nessa parte estão cantando que são apenas tijolos no muro.

Figura 13 - Cena 5.1 - Visão Panorâmica



Fonte: (Roger Waters, 1979)

Figura 14 - Cena 5.2 - Fila para o moedor



Fonte: (Roger Waters, 1979)

Figura 15 - Cena 5.3 - Moedor



Fonte: (Roger Waters, 1979)

Acredito que nenhuma cena desse clipe é tão perturbadora quanto essa em que as crianças estão indo em direção ao moedor de carne, ou em algumas outras análises, uma máquina de tijolos. Todas as vezes em que assisti o clipe, nessa cena eu não consigo deixar de me emocionar, porque os educandos estão cantando para os professores deixarem eles em paz. Logo, quem está tornando as crianças em uma massa para manobra, nesse caso um monte de carne, são os professores. Os mesmos professores que deveriam ensinar, amar e defender essas crianças. Não são os mesmos professores dessa época, mas existem professores atualmente que transformam seus alunos e alunas em apenas mais alguns receptáculos para se depositar conhecimento.

Não podemos reduzir as nossas crianças, o futuro do nosso país a uma montanha de 'carne e ossos' que não pensa. A um monte de seres manipuláveis que não são capazes de produzir uma opinião própria ou de pensar criticamente. Qual vai ser o futuro desse país se são essas pessoas que votam?

Cena 6: Nessa cena final, há uma 'rebelião' por parte dos alunos, onde eles tiram as máscaras que cobriam os seus rostos, começam a jogar cadernos, derrubar e destruir carteiras (**Cena 6.1 e Cena 6.2**). Eles quebram os vidros dos equipamentos de combate à incêndios, pegam os machados e as marretas que são usados e começam a derrubar o muro de tijolos (**Cena 6.3 e 6.4**). Quebram as janelas quando jogam as carteiras nelas, amontoam as carteiras e cadeiras reduzidas a pedaços e começam uma fogueira bem grande no centro da sala de aula. Quando a cena é cortada, a escola toda já está pegando fogo e os alunos continuam alimentando a fogueira com os restos dos móveis da escola e com os livros e cadernos, enquanto outros, arrastam o professor que sempre gritava e humilhava os educandos (**Cena 6.5**). De repente, aparece o Pinky na cena depois de ter apanhado com a régua, enquanto o professor dita a matéria, e descobrimos que a revolução dos alunos era tudo parte da imaginação do personagem principal do clipe.

Figura 16 - Cena 6.1 - Rebelião

**Cena 6.1 - Rebelião**

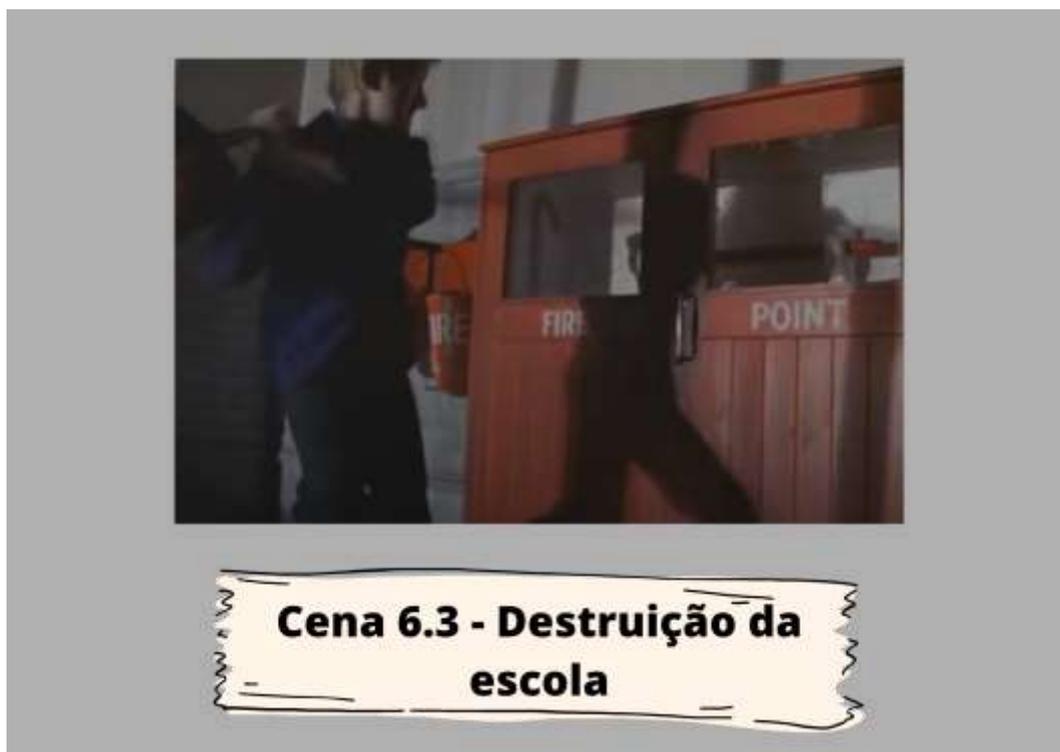
Fonte: (Roger Waters, 1979)

Figura 17 - Cena 6.2 - Rebelião

**Cena 6.2 - Rebelião**

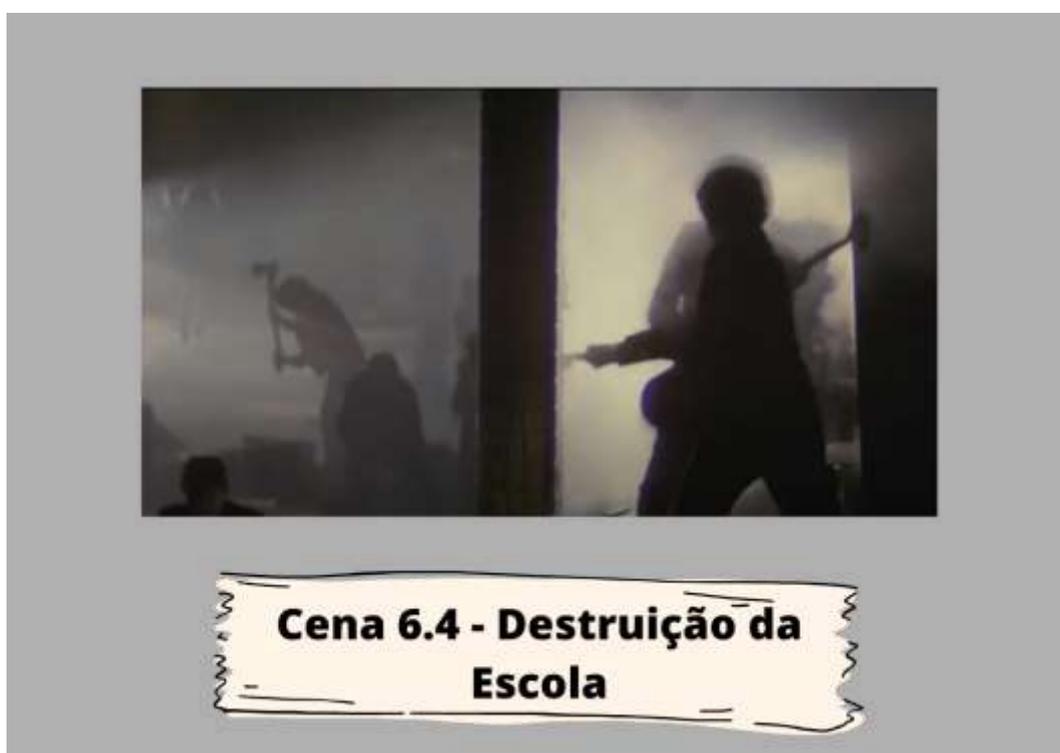
Fonte: (Roger Waters, 1979)

Figura 18 - Cena 6.3 - Destruição da escola



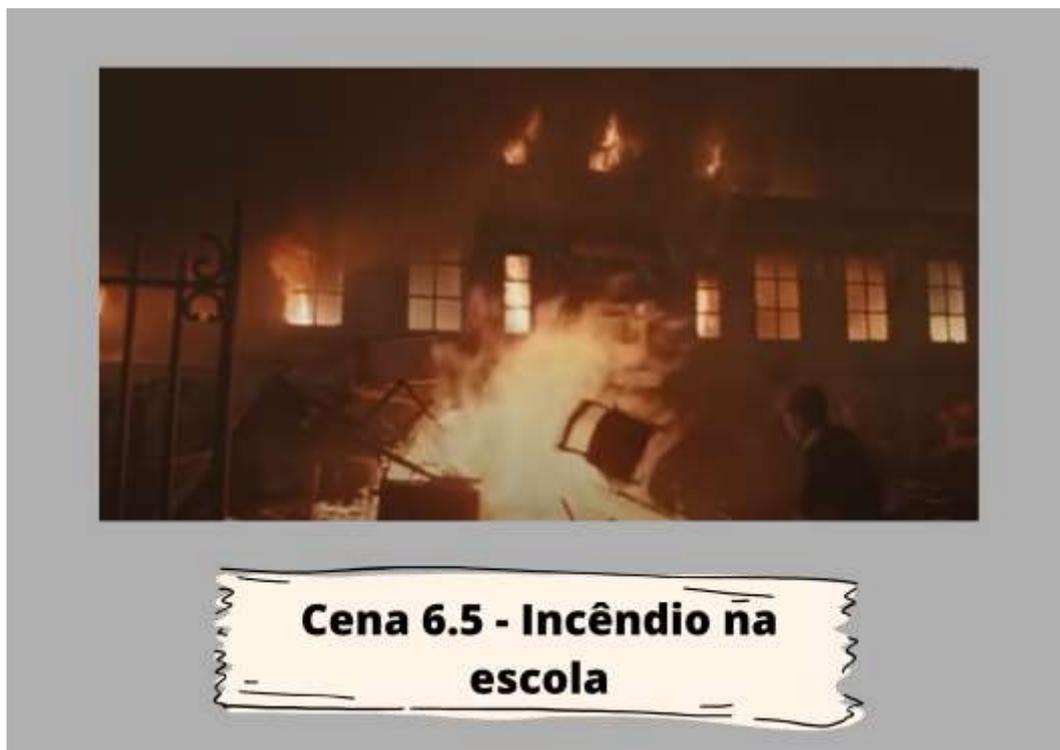
Fonte: (Roger Waters, 1979)

Figura 19 - Cena 6.4 - Destruição da escola



Fonte: (Roger Waters, 1979)

Figura 20 - Cena 6.5 - Incêndio na escola



Fonte: (Roger Waters, 1979)

Quando começam as cenas de rebelião, tenho certeza que todos os que assistiam o clipe e estavam angustiados se sentem mais aliviados por as crianças estarem se manifestando. Não é uma manifestação comum, é algo que nitidamente eles não aguentavam mais, não vejo apenas uma revolta, eu vejo um desespero por destruir tudo aquilo que estava machucando os educandos. A urgência em acabar logo com tudo também é perceptível, a rebelião não aconteceu de uma hora pra outra, foram muitos dias, anos, décadas de uma educação opressora.

Mesmo que tenha sido apenas a imaginação de Pinky, tenho certeza que ele não era o único educando pensando em formas de que aquilo que acontecia em sala de aula, que de forma alguma pode ser considerada uma educação aceitável, pudesse ter fim.

4 EDUCAÇÃO BANCÁRIA

Quando comecei a ter contato com as obras de Paulo Freire, fiquei muito instigada, pois os primeiros encontros foram sempre com frases que nos impactam. Eu pensava em como esse homem era inteligente e imaginava o tanto que deve ter estudado para acessar esses conhecimentos.

Atualmente, estudando várias obras de Paulo Freire, eu tenho certeza que ele era muito inteligente, e sim, com certeza ele estudava bastante, mas o que difere as obras de Paulo Freire para mim, é que ele não ficou apenas na teoria, ele vivenciava o que ele escrevia, por isso as obras dele apresentam tanta propriedade em sua fala. Não me entenda mal, tem muitas partes em suas obras que são bem complexas, onde necessito de um dicionário ao lado para entender, mas mesmo suas partes teóricas estão impregnadas de prática.

Quando optei por analisar o clipe *Another brick in the wall*, não escolhi o clipe em si, mesmo que o considere de extrema importância para a reflexão sobre educação, escolhi o conceito “educação bancária” primeiro, pois enquanto estava reassistindo ao clipe, foi a primeira coisa que me veio à cabeça.

Conheço essa banda desde muito tempo atrás, e como já comentado antes, todas as vezes em que assistia ao clipe algo me incomodava demais, mesmo antes de cursar Pedagogia, e ainda mais depois. Essa banda é muito conhecida por todas as críticas que já fez e que continua a fazer. O seu vocalista, principalmente, sempre busca defender os direitos humanos, e esse é um dos motivos que me fazem admirar ainda mais a banda. Atualmente está mais escasso pessoas com visibilidade usarem a sua voz para lutar pelo que acreditam e por causas que valham o esforço.

Pedagogia do Oprimido

Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire nos leva a refletir sobre a situação de opressores e oprimidos, tendo a educação como meio para a

transformação e libertação, porém, essa libertação, ao contrário do que possamos pensar, não se trata apenas da libertação do oprimido. Freire diz que para que haja a libertação do oprimido, é necessário haver a libertação do opressor também, caso contrário, haveria apenas uma inversão de papéis. O foco é fazer com que o opressor saia dessa condição, que por meio de uma conscientização, ele deixe de exercer essa condição, usando do poder transformador da educação, seu poder revolucionário e libertador:

Como distorção do ser mais, o ser menos leva os oprimidos, cedo ou tarde, a lutar contra quem os fez menos. E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. (FREIRE, 2021, p.41)

Freire fala também sobre a condição do oprimido achar que precisa do opressor para a sua existência, que sem o opressor o oprimido não é um ser humano, ou seja, acontece uma desumanização do opressor em relação ao oprimido, fazendo com que o oprimido apenas aceite o ser menos, ao invés de buscar pelo ser mais. Ser mais para ele é uma necessidade ontológica (da natureza do ser humano), e uma prática de valorização de cada um como seres humanos:

Este movimento de busca, porém, só se justifica na medida em que se dirige ao ser mais, à humanização dos homens. E esta, como afirmamos no primeiro capítulo, é sua vocação histórica, contraditada pela desumanização que, não sendo vocação, é viabilidade, constatável na história. (FREIRE, 2021, p. 104)

É ter a consciência de ser um ser inconcluso e buscar o aprimoramento. “Por isto mesmo é que os reconhece como seres que estão sendo, como seres inacabados, inconclusos, em e com uma realidade, que sendo histórica também, é igualmente inacabada” (FREIRE, 2021, p. 101). Paulo Freire acreditava que o ser humano não pode ser um indivíduo estagnado, engessado pelo sistema, mas ao contrário, lutar por sua libertação e com a sua libertação, e também libertar o opressor. Esse processo de libertação deve ser experimentado por ambas as partes e deve acontecer de forma cuidadosa, para que como mencionado anteriormente, o oprimido não tome o lugar do opressor. A libertação se dá de forma conjunta, já que o ser humano é um ser social, e como tal a sua consciência e transformação da realidade deve acontecer também de forma conjunta, em sociedade.

Freire defendia o poder transformador da educação. Uma educação libertadora e crítica, que forme cidadãos conscientes e não massa de manobra para uma elite opressora moldar cidadãos não pensantes. A minoria que detêm o poder não têm o menor interesse que a população receba uma educação crítica que os ensine a pensar e a problematizar o mundo em que está inserido. Logo, lhes oferecem uma educação bancária, que os transforma em meros receptáculos para receber o 'conhecimento' do docente, que é visto como o detentor do mesmo. A educação bancária transforma a consciência dos educandos em um ato mecânico, de pura repetição e memorização.

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em "vasilhas", em recipientes a serem "enchidos" pelo educador. Quanto mais vá "enchendo" os recipientes com seus "depósitos", tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente "encher", tanto melhores educandos serão. (FREIRE, 2021, p. 80)

A descrição acima me faz lembrar de robôs, onde são necessários apenas os comandos corretos para que haja um bom funcionamento. A educação não deve ser assim. Educandos não devem ser tratados dessa forma, pois são seres humanos, e como tais devem buscar a sua necessidade de ser mais no mundo em que o cerca, de incrementar a sua incompletude.

O papel do docente em uma educação libertadora é o de problematizar o mundo e a realidade em que os educandos estão inseridos, ajuda-los a entender qual é a realidade que os cerca e como podem fabricar instrumentos para que aconteça a transformação dessa realidade. O docente pode ser considerado um agente da educação transformadora e libertadora, quando reflete a sua prática pedagógica e busca mostrar aos educandos como pensar criticamente.

O problema da docência, às vezes, é estar inserido em um local ou um sistema que o transforme em opressor ao invés de libertador. Um exemplo a ser citado, pode ser o ensino com base em sistemas apostilados, onde a apostila (para mim) é símbolo de alienação. Sabe por quê? Porque o conteúdo que vem descrito para que os alunos aprendam não dá espaço para a problematização do mundo. São conteúdos rasos e destituídos de criticidade, além de não permitem que o professor exerça sua autonomia em relação ao que deseja tratar com seus alunos. Não dá espaço para que o professor aborde mais do que está proposto em apostila, pois há sempre um cronograma a ser seguido, que não pode ser desviado, nem atrasado.

[...] a política do ensino apostilado, como um recurso para uma formação humana inserida no projeto burguês de educação da classe trabalhadora, destituindo-a de um ensino de qualidade no setor educacional, tal como lhe expropriaram a qualidade de vida, no modo de produção capitalista. (CARVALHO, 2012, p. 160)

Logo descobrimos, quando inseridos em ambientes escolares, que ser um educador que preza por uma educação problematizadora é estar sempre lutando contra o sistema que dita as regras de como devem ser as coisas dentro das escolas. A educação problematizadora faz com que geremos consciência e percebamos em que mundo estamos inseridos. Confesso que demorou um pouco para que a minha visão de educação fosse ‘desembaçada’, digamos assim, pois eu acreditava em discursos que não faziam sentido, mas que por serem muito bem estruturados, eu acabava acreditando, ou não problematizando o suficiente. Se tornar um ser pensante e problematizador é um pouco cansativo, sabe? Há muitas coisas nesse mundo em que estamos inseridos que não faz sentido, há muitas coisas que são absurdas demais, mas que mesmo assim continuam a acontecer e há a inércia de docentes que deveriam lutar para problematizar as suas práticas, mas que se rendem ao sistema, ou se tornam adeptos da Pedagogia da folhinha.

Para que haja uma educação problematizadora, é necessário um intercâmbio contínuo de saber entre educadores e educandos, mas sem a parte mecânica e repetitiva. Não é através de uma folha de exercícios, ou uma folha de perguntas para a interpretação de texto que vamos tornar nossos educandos pessoas críticas. Na verdadeira educação para a prática de liberdade, enquanto se está ensinando, o educador está aprendendo com os educandos.

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. (FREIRE, 2021, p. 25).

Portanto, como visto acima, é tão importante o diálogo entre os educadores e os educandos. Um dos princípios para a educação como prática de liberdade é a dialogicidade, o diálogo no processo educativo, “o diálogo é uma exigência existencial”, segundo Freire e inserido nesse diálogo está a educação do indivíduo para a liberdade: liberdade de pensamento, liberdade social, liberdade cultural, LIBER-DA-DE e ponto. Nada de mas ou porquês.

Freire diz que quando buscamos os elementos que compõem o diálogo, encontramos duas dimensões: a ação e a reflexão, integradas de tal forma que se há o sacrifício de uma das partes, sentimos a falta dela imediatamente. Portanto, “não há palavra verdadeira que não seja práxis. Daí, que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo.” (FREIRE, 2021, p.107). Se a palavra, ou o discurso é apresentado sem a dimensão da ação, focada apenas em reflexão, se torna “palavreria, verbalismo, blablablá. Por tudo isto, alienada e alienante”, mas se por outro lado foca apenas na dimensão da ação, sem que se reflita sobre o que se está agindo, se torna ativismo. “Este, que é ação pela ação, ao minimizar a reflexão, nega também a práxis verdadeira e impossibilita o diálogo” (FREIRE, 2021, p.108).

Para Freire, há quatro elementos integrantes da ação dialógica, são eles a colaboração, onde existindo o diálogo é possível entender o outro e respeitá-lo; a união, sendo a união da massa oprimida necessária para que se possa encontrar na união a força de transformação; a organização sendo um auxílio da união das massas e um indicativo de liberdade para os oprimidos e por fim a síntese cultural, que tem fundamento na compreensão da dialeticidade entre permanência-mudança que se constituem na e sobre a estrutura social.

Já que está explicitado acima todos os elementos para a ação dialógica, quero explicitar aqui um trecho com o significado da ação antidialógica na educação que encontrei em um glossário com conceitos de Paulo Freire, para que possamos ter um parâmetro de comparação entre as duas ações:

Na educação, é toda metodologia de ensino que não permite o intercâmbio de ideias, conceitos e valores entre os diversos atores da cena pedagógica (educadores e educandos). O educador que se utiliza de métodos antidialógicos é opressor e tem, como meta única, transmitir informações aos seus educandos, evitando, por razões ideológicas, a problematização dos temas tratados. (VASCONCELOS; BRITO, 2014, p. 34)

Essa definição não lhes parece muito com educação bancária? Deixe-me lembrá-los do porquê: porque na educação bancária não existe diálogo. Não se leva em consideração a opinião do educando, apenas a opinião do educador é que importa. E por mais que o tema abordado no presente trabalho seja a educação bancária, que sim, acredito ser um conceito de devemos abordar para que as pessoas (principalmente educadores) possam entender qual é a problemática de se propagar uma educação dessa forma, achei necessário trazer um pouco de esperança à toda essa concepção de educação. Sem a esperança, o estado que Freire chamava de

desesperança, não é possível encontrar forças para romper com esse estilo de educação opressora. Sendo assim, vamos esperar?

Pedagogia da Esperança

O livro de Paulo Freire, *Pedagogia da esperança*, é um diálogo com a *Pedagogia do Oprimido*, e está imerso em utopias. Utopia no sentido de se pensar em um horizonte possivelmente alcançável, possivelmente construído. A utopia nesse caso tem o papel de desacomodar-nos. Logo, a esperança citada vem como algo que nos faz mover, é um princípio propulsor para se conquistar alguma coisa, pois a esperança sozinha não é capaz de ganhar uma luta, mas sem esperança a luta fica fraca, portanto, a esperança tem o papel de oferecer forças para que junto à prática, o ser humano construa a história que deseja.

Não quero dizer, porém, que, porque esperançoso, atribuo à minha esperança o poder de transformar a realidade e, assim convencido, parto para o embate sem levar em consideração os dados concretos, materiais, afirmando que minha esperança basta. Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita da água despoluída. (FREIRE, 2009, p. 10)

Existe um termo citado por Freire chamado “situações-limite”, que são as barreiras que o ser humano encontra durante a sua vida, e que diante de tais barreiras, ele pode enxergá-las como obstáculos a serem ultrapassados, ou se submeter a tais barreiras de forma a não confrontá-las, esse ponto de submissão, podemos chamar desesperança. Mas, quando há a esperança no ser, diante dessas barreiras podemos fazer com que haja a união dessa esperança com a prática para que as situações encontradas sejam modificadas. Quando se fala em enfrentar as situações-limites, são necessários os chamados “atos-limites”, que são as atitudes assumidas pela junção da esperança e da prática para se romper as situações-limite, onde se almeja alcançar o “inérito-viável”, que é algo novo sonhado diversas vezes, e através da práxis possibilita que se torne realidade.

Esta é a razão pela qual não são as “situações limites”, em si mesmas, geradoras de um clima de desesperança, mas a percepção que os homens tenham delas num dado momento histórico, como um freio a eles, como algo que eles não podem ultrapassar. No momento em que a percepção crítica se

instaura, na ação mesma, se desenvolve um clima de esperança e confiança que leva os homens a empenhar-se na superação das “situações-limites”. (FREIRE, 2021, p. 126)

Sabe o conceito de utopia que citei acima? Ele dialoga a todo momento com o inédito-viável, pois é na busca do novo que o ser humano se põe em movimento na intenção de alcançá-lo. O inédito viável ajuda na superação das situações-limites. Mesmo quando esse objetivo parece distante, é a esperança de que se pode alcançar o inédito viável que faz com que o ser humano se mantenha em movimento, e ele só pode ser alcançado pela práxis libertadora, pois nenhuma prática opressora vai dar aos seus oprimidos essa possibilidade de esperança.

Em síntese, as “situações-limites” implicam na existência daqueles a quem direta ou indiretamente “servem” e daqueles a quem “negam” e “freiam”. No momento em que estes as percebem não mais como uma “fronteira entre o ser e o nada, mas como uma fronteira entre o ser e o mais ser”, se fazem cada vez mais críticos na sua ação, ligada àquela percepção. Percepção em que está implícito o inédito viável como algo definido, a cuja concretização se dirigirá, sua ação. (FREIRE, 2021, p. 130)

O ponto mais importante encontrado na esperança, é que ela mostra que em toda e qualquer situação de opressão, é possível criar oportunidades para que a libertação aconteça. Se as ferramentas para tal libertação ainda não existem, é na criação e reinvenção de mecanismos e soluções que podemos alcançar a libertação da opressão. É essa reinvenção do novo que podemos nomear também como inédito viável.

Não é suficiente apenas ter a esperança, como vimos acima, ter esperança é uma busca constante, busca essa pelo ‘ser mais’, a busca por se aprimorar e aprender, de se saber que não somos completos e na consciência de nossa incompletude, essa busca se torna permanente. O ‘ser mais’ é uma prática para se valorizar o ser humano, é a procura pela libertação e ter a consciência de se saber que a liberdade é uma conquista, enquanto necessidade ontológica do ser humano.

E sabe o que vem primeiro à minha cabeça quando penso no que, de fato, implica o ser mais para o ser humano? A educação. De que outra forma na vida temos mais possibilidade, não de ser alguém, pois não precisamos estudar para isso, pois já o somos, somos seres inseridos no mundo, mas a possibilidade de conhecimento, de conhecer mil e um saberes, de saber mais, de se aprimorar como ser?

As possibilidades são infinitas, mas essas possibilidades não são em sua maioria oferecidas a toda a população. Inúmeros são os que tem esse direito negado, ou o têm parcialmente, desde que seja de forma a não 'ativar' suas consciências críticas, de forma que continuem na posição de oprimidos.

Freire nos diz que é preciso oferecer uma educação à população que não seja tecnicista ou bancária, onde interessa apenas à classe dominante, ou mais conhecidos como opressores. A educação para que um operário aprenda o seu ofício, seja ele mecânico, pedreiro ou marceneiro, é direito desse trabalhador, mas também tem o direito a saber mais que apenas a sua função, tem o direito de conhecer sobre o mundo em que está inserido, tem o direito de conhecer a história da classe operária, a história de seu país e adquirir o conhecimento sobre os seus direitos e deveres, sem a famosa alienação.

A esperança de produzir o objeto é tão fundamental ao operário quanto indispensável é a esperança de refazer o mundo na luta dos oprimidos e das oprimidas. Enquanto prática desveladora, gnosiológica, a educação sozinha, porém, não faz a transformação do mundo, mas esta a implica. (FREIRE, 2009, p.32)

Permitir que um trabalhador exerça uma consciência crítica não está nos planos dos que ocupam o poder, isso eu posso te garantir. Porque um povo que não conhece a sua história, um povo que não consegue problematizar o que está vivendo é facilmente manipulado. E adivinhem? A manipulação é um dos quatro elementos do sistema de opressão antidialógico, citado por Freire em Pedagogia do Oprimido. Uma população que não problematiza, que não critica, pensa pela cabeça dos opressores. Por isso a educação bancária é tão importante para os mesmos. Porque eles ensinam o que lhes convém. História? Acho que não! Política? Com toda a certeza, não!!!

Entendem como é crucial o papel dos educadores? Pois mesmo sendo engessados por causa de alguns sistemas, se o educador tiver como concepção a educação para a prática de liberdade, ele vai tentar criar alguma ferramenta que rompa com a opressão. Mas isso nem sempre é alcançado, e muitos caem em desesperança, "Daí a precisão de uma certa educação da esperança." (FREIRE, 2009, p.11). Acreditem quando digo que não é fácil ser um educador problematizador, pois quando o sistema nos força a realizar algo em que não acreditamos, sabemos exatamente o que estamos fazendo. A esperança sozinha não tem o poder de mudar

nada, e sem a prática da ação é impossível mudar alguma coisa. Em toda a parte, em seu livro, Freire nos lembra isso.

Pensar que a esperança sozinha transforma o mundo e atuar movido por tal ingenuidade é um modo excelente de tombar na desesperança, no pessimismo, no fatalismo. [...] Enquanto necessidade ontológica, a esperança precisa da prática para tornar-se concretude histórica. É por isso que não há esperança na pura espera, nem tampouco se alcança o que se espera na espera pura, que vira, assim, espera vã. (FREIRE, 2009, p. 11)

A educação aqui, quando usada como ferramenta para a libertação, tem o papel de educar não apenas as crianças, mas as massas, uma educação popular, para devolver o direito à educação de quem lhes foi tomado. Não tenho a ingenuidade de achar que seja uma tarefa fácil, mas é uma tarefa necessária. É algo que não é feito de uma hora para outra, ou do dia pra noite. Mas a educação popular deve ser construída pouco a pouco. Uma educação que consiga fazer a passagem de uma “consciência ingênua” para uma “consciência crítica”.

É exatamente neste ponto que se coloca a importância fundamental da educação enquanto ato de conhecimento, não só de conteúdos, mas da razão de ser dos fatos econômicos, sociais, políticos, ideológicos, históricos, que explicam o maior ou menor grau de “interdição do corpo” consciente, a que estejamos submetidos. (FREIRE, 2009, p. 102)

Essa interdição a que Freire se refere, eu entendo como a opressão a qual está inserida na educação. O quanto as crianças são oprimidas nas escolas? É certo decidir por elas um horário para se comer, ou um horário para ir ao banheiro? E sobre o que devem pensar? Isso não é uma interdição também? E quando aos operários? Se resumem a pessoas que apertam parafusos? Assim como Freire cita o filme Tempos Modernos, onde Charles Chaplin critica a mecanicidade da época no capitalismo, em que cada trabalhador tinha apenas uma tarefa, sem a consciência de todo o processo.

Não é difícil comparar o modo de produção fordista, a repetição técnica exaustiva e alienação do processo completo, com a forma como o conteúdo é ensinado nas escolas. O objetivo não é claro? Aprender tudo, de forma repetitiva, sem ter a noção real do que se está aprendendo. Meros repetidores, vítimas de uma educação bancária.

Mais à frente em seu livro, Freire aborda um assunto que até pouco tempo atrás eu tinha receio em conversar sobre ele, o racismo. Não me sentia preparada o suficiente para falar sobre a importância de se trazer à tona esse assunto, não me

sentia no direito de falar sobre ele por não sofrer na pele esse preconceito racial. Foi há pouco tempo que entendi, que se eu não estudar e falar sobre esse assunto, eu estarei assumindo que o racismo não é importante e que não devemos falar sobre ele. Pessoas brancas precisam aprender sobre o racismo, para ajudar na luta ao combate dele. Como um professor pode identificar o racismo em sala de aula se não estuda sobre ele? Como ele pode ensinar seus alunos que ser preconceituoso é errado, e que não existe uma raça superior se não acreditar nisso?

Literalmente debruçada no livro de Freire, li seus relatos sobre esse absurdo chamado racismo. Em seu livro, ele conta sobre os encontros que tinha com pessoas que vinham da África do Sul, ou que estavam indo para lá, e sobre seu livro Pedagogia do Oprimido ser proibido nesse país. Ele diz que nunca recusava nenhum desses encontros por entender o quão importante eram, não só para os outros, mas principalmente para ele. Freire diz: “A brutalidade do racismo é algo com que dificilmente um mínimo de sensibilidade humana pode conviver sem se arrepiar ou dizer que horror!”. Como disse anteriormente, passei a estudar sobre o racismo para estar preparada para ajudar a combatê-lo, e nesses estudos, com certeza me deparei com infinitas exclamações de “Que horror!”. Que horror que a raça humana seja capaz de realizar tais absurdos com outros seres humanos. Que horror que em pleno século XXI ainda existe esse tipo de coisa, inclusive nas escolas, que é onde mais devemos dialogar sobre o assunto. Daí se dá a NECESSIDADE de todos os educadores DO MUNDO estudarem sobre racismo, sobre a sua origem, sobre como permeia a sociedade em que estamos inseridos e sobre como combatê-los não só em sala de aula, mas dia após dia, e é com muita esperança que digo: até que ele seja extinto.

Presenciei uma situação em meu estágio das quais senti essa necessidade de saber falar aos educandos sobre racismo, sentia muita insegurança para falar sobre isso, mas era muito necessário fazê-lo. Essa situação aconteceu quando uma aluna do quarto ano veio até mim para reclamar que um de seus colegas de sala havia dito que a sua cor era parecida com ‘bosta’. Não sei dizer a quão estarecida fiquei com essa situação, pois essa mesma aluna já havia me dito que não gostava da cor de sua pele. É claro que houveram conversas com ambas as crianças, e logo após isso acontecer, comecei a procurar vários autores que abordavam essa temática do racismo em sala de aula e a trazer atividades que refletissem ainda mais o respeito necessário aos colegas, a sua etnia e a suas origens.

As aulas de estágio de Educação Infantil me ajudaram muito também pois estavam voltadas para as Relações étnico-raciais e sobre como acontecia o racismo nas salas de educação infantil. Em uma dessas aulas, conheci a autora Nilma Lino Gomes, e pude ler alguns de seus artigos que abordavam a identidade negra e como trabalhar isso com os educandos. Estar inserida em um ambiente que constantemente me lembrava que precisava aprender sobre essas relações, fez com que eu pudesse me tornar uma educadora melhor, pois agora, sei onde procurar as respostas para as perguntas que não sei responder, e o medo de falar sobre temas das quais não domino, com certeza, diminuiu. A sensação de liberdade vem do conhecimento da qual eu procurei. É essa sensação que precisamos inspirar em nossos educandos. A ânsia por respostas e a liberdade de conhecê-las.

Há algum tempo, tive contato com uma autora que acho genial: Chimamanda Ngozi Adichie. Em seu discurso, que mais tarde se tornou um livro, ela diz: “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna.” (ADICHIE, 2019, p.12). Quando a história foi contada, ela foi contada por pessoas brancas que descreviam os negros das formas mais esdrúxulas possíveis, de novo e de novo e de novo. E foi assim que o mundo conheceu os negros: pela visão do branco colonizador que se achava superior aos povos que ‘colonizava’. Esse povo colonizador teve o ‘poder’ de contar ao mundo a sua história, mas não só a sua, a dos outros também: “O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva.” (ADICHIE, 2019, p.12). É bem difícil ver as pessoas contestando a história contada nos livros didáticos, mas ainda citando Adichie (2019, p.14): “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.”. Sabe aquele ditado que diz que sempre há dois lados da moeda e dois lados da história? Pois é, ele é verdade, mas o problema é que desde pequenos só ouvimos um dos lados, a do colonizador. Não foi dado o direito do lado colonizado, vulgo os oprimidos, de contarem o seu lado da história, pois não tem o poder necessário para isso. Conhecimento é poder, lembram? E o poder está com quem? Isso mesmo, os colonizadores, vulgo opressores, que de forma alguma permitiriam que os oprimidos usassem a sua voz para contarem a sua história.

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra em igbo na qual sempre penso quando considero as estruturas de poder no mundo: nkali. É um substantivo que, em tradução livre, quer dizer “ser maior do que outro”. (ADICHIE, 2019, p. 12)

Nesse trecho citado acima, consigo ver muito do conceito em Paulo Freire do Ser mais, mas em sua definição o homem não precisa ser mais QUE o outro, ele busca ser mais por ele mesmo, porque tem liberdade pra isso. É equivocado pensar que se precisa ser mais que alguém, que se precisa ser mais que uma raça para ser importante ou que por causa da sua cor, você pode ser melhor do que alguém.

Segundo o autor Sant'ana (2005), o racismo como ele se apresenta hoje é um fenômeno novo, pois nos tempos primitivos, a discriminação se baseava em fatores religiosos, políticos, nacionalidades, e não nas diferenças biológicas ou raciais como tem acontecido. Ainda dialogando com esse autor, em seu artigo ele diz, que o racismo é a pior forma de discriminação, porque o discriminado não pode mudar as suas características raciais. Ele é um fenômeno ideológico, que se consolida através dos preconceitos, discriminações e estereótipos. É dever do educador e da educadora se colocar como parte da solução a esse problema, sempre por meio de um diálogo sincero e esclarecedor sobre esse assunto com os educandos.

Professora, sim; Tia, não. Cartas a quem ousa ensinar

Enquanto lia os livros de Paulo Freire, durante todos os percursos e leituras até aqui, sempre tive a sensação de que ele conversava comigo, mas nenhum outro livro me despertou esta sensação tanto assim. Talvez o motivo seja porque o livro é dividido por cartas, logo o objetivo é conversar ou transmitir um recado a alguém, e tal recado chegou até mim, espero que chegue até você que me lê agora.

Em uma de suas cartas, assim como em alguns outros livros de Freire, ele fala sobre a importância de se dialogar com os educandos, de se chegar ao ponto de se falar *com* eles. Ele diz que é preciso haver um certo equilíbrio entre o falar *ao* educando e entre se falar *com* ele. Segundo Freire, a experiência equilibrada e harmoniosa a qual se refere acontece quando em sala (ou em outro espaço), a educadora ou o educador consegue estabelecer limites às ações e/ou brincadeiras

sem fazer com que os educandos sejam engessados ou aprisionados ao 'não poder fazer nada'. Em todas as relações, em todas as sociedades, é preciso se estabelecer um certo limite. Sem esses limites, qualquer sociedade vai ao caos e à anarquia. Se com limites algumas pessoas já o ultrapassam sem o menor pudor, imagine uma sociedade sem eles!

Ao contrário do educador progressista, o educador autoritário não abre espaço para que seus alunos dialoguem com ele. É sempre da maneira que ele quer, como ele quer, na hora que ele quer. Não é do interesse desse educador ou educadora que o seu educando tenha uma formação crítica, que lute pela liberdade.

O DIÁLOGO praticado COM os educandos pela educadora democrática ajuda tanto em relação aos conteúdos a serem ensinados, como também em relação à liberdade de conversa em sala sobre a vida no geral. Contribui para a formação de cidadãos e cidadãs responsáveis e críticas. Quando o educador pratica o diálogo em sala, e ouve o educando, ele facilita o processo de troca onde o educando o ouve também. Sendo assim, o diálogo, mesmo correndo o risco de ser redundante, é uma *via de mão dupla*. Para que ele ocorra, as duas partes devem estar dispostas a fazê-lo acontecer. Mas o direito à voz não pode ser ilimitado, não se pode dizer o que bem entender às pessoas, existem limites, existem direitos e é importante lembrar que o nosso direito termina quando o do próximo começa. Como diz Freire (2022):

Assim, porém, como a liberdade do educando, na classe, precisa de limites para que não se perca na licenciosidade, a voz da educadora e dos educandos carece de limites éticos para que não resvale para o absurdo. É tão imoral ter nossa voz silenciada, nosso "corpo interdito" quanto imoral é o uso da voz para falsear a verdade, para mentir, enganar, deformar. (FREIRE, 2022, p. 87)

Freire diz ainda que é preciso que a escola se torne um espaço acolhedor e multiplicador de gostos democráticos. A democracia é difícil de ser feita, pois não acontece apenas por palavras vazias, é preciso viver o que se diz para não ser uma educadora hipócrita. A democracia está na ação de cada dia, no fazer, não no falar. Não é possível dizer ser democrática, não racista, não machista, se as minhas atitudes dizem o contrário.

É difícil, realmente, fazer democracia. É que a democracia, como qualquer sonho, não se faz com palavras desencarnadas, mas com reflexão e prática. Não é o que digo o que diz que eu sou democrata, que não sou racista ou machista, mas o que faço. É preciso que o que eu diga não seja contraditado pelo que faço. É o que faço que diz de minha lealdade ou não ao que digo. (FREIRE, 2022, p. 90).

Não é possível lutar para se construir uma democracia séria, onde o objetivo seja mudar as estruturas da sociedade para valer, sem que se comece antes a discutir a democracia nas escolas e cuidar de suas exigências éticas. Em suma, a construção de uma escola democrática em que se dialogue tanto a gestão, quanto os educadores, sem que se esqueça o mais importante, os educandos não ocorre de maneira simples, é preciso que se busque isso todos os dias, assim como tantas outras qualidades necessárias em um educador.

Em uma das cartas, Freire dá uma lista de qualidades indispensáveis para educadores e educadoras progressistas que são geradas em suas práticas, mas vou citar apenas uma delas, a que mais me marcou e a que mais observo ser necessária atualmente. Em minhas vivências de estágio, pude perceber algo que falta a maioria das educadoras: a alegria de viver.

Eu entendo que a situação dos educadores nunca foi muito favorável, pois desde sempre somos desvalorizados, porém se deixar abater, deixar que a desesperança tome conta é a pior forma de se agir, pois influencia no processo de aprendizagem dos alunos também. Qual é o aluno que quer ter aulas com uma educadora que não tem ânimo para absolutamente nada?

Segundo Freire (2022), precisamos buscar por uma escola alegre:

É vivendo, não importa se com deslizes, com incoerências, mas disposto a superá-los, a humildade, a amorosidade, a coragem, a tolerância, a competência, a capacidade de decidir, a segurança, a eticidade, a justiça, a tensão entre paciência e impaciência, a parcimônia verbal, que contribuiu para criar, para forjar a escola feliz, a escola alegre. A escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida. E não a escola que emudece e me emudece. (FREIRE, 2022, p. 132).

Sem essa busca por uma escola alegre, o ato de ensinar não faz sentido. Não se espera que uma escola seja apática. Não podemos permitir isso. Se tem algo que existe dentro das escolas, não necessariamente apenas as de ensino formal, mas se tem algo presente ao entorno dos educandos, principalmente os que tem o privilégio de participar de uma educação libertadora, esse algo é alegria de viver, e alegria em aprender.

5 CONCLUSÃO

Quando iniciei as pesquisas e processos para construir esse trabalho, não imaginei que chegaria ao final dele uma educadora diferente. Não imaginei que ao falar sobre a importância da transformação na educação, eu acabaria por me transformar também. Eu já devia esperar por isso, certo? Dialoguei com tantas referências trazendo a importância dessa tão falada transformação e educação como prática de liberdade.

Quando comecei a escrever, sabia que ensinar era um ato político, mas odiava a política com todas as forças e não conversava sobre isso. Hoje, liberta dessas amarras, sei que se não estudar sobre ela, não será possível ser a educadora que sonho ser. Assim como muitas vidas foram transformadas pelos ensinamentos de Paulo Freire, a minha transformação aconteceu para me tornar educadora, não professora, educadora.

Durante todo o meu processo de escrita, pude refletir sobre todas as práticas educativas e pedagógicas que vivenciei até o presente momento e termino esse trabalho com uma esperança renovada na vida, certa de que meu caminho é longo e de que ser docente é mais do que nunca, um ato de coragem.

Analisar o clipe 'Another brick in the wall' me ajudou a definir com certeza o tipo de educadora que não quero me tornar, e deixou algumas pistas de quais caminhos tomar quando me sentir perdida novamente. Durante essa análise, pude refletir e problematizar as formas totalitárias de educação e ter a certeza de que o ensino a qual devemos perseguir é aquele que luta pela criticidade dos educandos.

Não podemos 'coisificar' as crianças como no clipe, tirar a sua liberdade, a sua identidade. Tudo isso só colabora para a formação de educandos alienados. A figura do professor no clipe, representava principalmente o 'status' do professor, a beca parecia significar o símbolo de sua superioridade sobre os alunos, tal professor é considerado detentor do saber e impõe os conteúdos às crianças. O mais assustador, é que se procurarmos com atenção, ainda podemos encontrar professores assim à frente de uma sala de aula.

Me deparei com muitos questionamentos, não sobre a obra de Freire, mas sobre a minha prática pedagógica. Meu único questionamento com relação à Paulo Freire é o porquê eu não comecei a estudá-lo antes? Com certeza teria me poupado muitos erros. Mas me sinto orgulhosa em dizer que ao escrever este trabalho, evolui como pessoa, como estudante e principalmente, como educadora. Mais do que nunca entendo o poder transformador da educação.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução de Julia Romeu. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019. 61 p.

ALEX SANDRO ALVES DO NASCIMENTO, 2009, Campina Grande. **As relações de poder na escola**: O canto da contestação na música Another brick in the wall, de Pink Floyd. Campina Grande: Editora Edupeb, 2009. 12 p. Disponível em: chrome-extension://efaidnbnmnibpcajpcgiclfindmkaj/https://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/download/publicacaoonline/literaturaecienciashumanas/23_.pdf. Acesso em: 05 set. 2022.

BALDISSERA, Olívia. **Leu, releu e não reteve o conteúdo?** Conheça a curva do esquecimento. Conheça a curva do esquecimento. 2022. Disponível em: <https://ead.pucpr.br/blog/curva-esquecimento>. Acesso em: 25 out. 2022.

CAMBI, Franco. O século XX até os anos 50. "Escolas Novas" e ideologias da educação. In: CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da Unesp (FEU), 1999. p. 509-643.

CARVALHO, Bruna; COSTA, Áurea de Carvalho. ANOTHER BRICK IN THE WALL: o apostilamento no ensino público como reedição do tecnicismo pedagógico. **Teoria e Prática da Educação**, Bauru, v. 15, n. 2, p. 159-173, ago. 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/TeorPratEduc/article/view/14050/10531>. Acesso em: 25 ago. 2022.

ESPERANÇAR em Paulo Freire: Jason Mafra comenta a obra Pedagogia da Esperança. Realização de Instituto Claro. S.l.: YouTube, 2021. (7 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hANAXXaYJlk>. Acesso em: 18 out. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 67. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021. 143 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 16. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2009. 245 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 80. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. 255 p.

FREIRE, Paulo. **Professora, sim; Tia, não**: cartas a quem ousa ensinar. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022. 189 p.

GIUBILEI, Sonia; CAMPOS, Silmara de. A Pedagogia do Oprimido em debate. In: SPIGOLON, Nima Imaculada; CAMPOS, Camila Brasil Gonçalves (org.). **Círculos de Cultura**: teorias, práticas e práxis. Curitiba: CRV, 2016. Cap. 6. p. 109-120.

H., Oscar Jara. O desafio e a paixão de aprender no âmbito da arte de educar, inspirado no texto de Paulo Freire: não há docência sem discência. In: SPIGOLON, Nima Imaculada; CAMPOS, Camila Brasil Gonçalves (org.). **Círculos de Cultura**: teorias, práticas e práxis. Curitiba: CRV, 2016. Cap. 1. p. 33-44.

LORENZET, Deloíze; ANDREOLLA, Felipe. **Da Pedagogia do Oprimido à Pedagogia da Esperança: Paulo Freire e a luta pelos esfarrapados do mundo.** Disponível em: https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/lorenzet_andreolla_0.pdf. Acesso em: 05 out. 2022.

MENEZES, Ebenezer Takuno de. Verbete pedagogia tecnicista. **Dicionário Interativo da Educação Brasileira - EducaBrasil.** São Paulo: Midiamix Editora, 2001. Disponível em <<https://www.educabrasil.com.br/pedagogia-tecnicista/>>. Acesso em 15 out 2022.

MOMM, Ricardo. **UMA LEITURA PSICOPEDAGÓGICA DA MÚSICA:** another brick in the wall part II. ANOTHER BRICK IN THE WALL PART II. Disponível em: <https://www.iee.sed.sc.gov.br/documentos/publicacoes/18-uma-leitura-psicopedagogica-da-musica-artigo-pink-floyd-ricardo-momm/file>. Acesso em: 11 maio 2022.

PINK Floyd - Another Brick in The Wall (Part II) [Clípe Oficial] (Legendado/Tradução). Direção de Gerald Scarfe. Música: Another Brick In The Wall (Part II). Londres: Sony Music, 1979. (7 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l0fgxSei0xE>. Acesso em: 25 abr. 2022.

PINK Floyd - Another Brick in the Wall: Análise da letra #84 - feat Antidoto. Produção de Pensando Nisso. S.l.: Youtube, 2018. (12 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qsJly8Txw-M>. Acesso em: 15 set. 2022.

REVERBEL, Olga; RAMALHO, Sandra Regina. **Vamos alfabetizar com jogos dramáticos?** Porto Alegre: Kuarup, 1989. 64 p.

SANT'ANA, Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005. p. 39-67.

SANTOS, Eneila Almeida dos (colab.). **Conceitos de educação em Paulo Freire:** glossário. Coautoria de Regina Helena Pires de Brito. 6. ed. São Paulo, SP; Petrópolis, RJ: Mack Pesquisa: Vozes, 2014. 196 p.

VARISCO, Alessandra Gomes; PEREIRA, Jefferson Tadeu de Godoi; MAGDALENA, Rafael Augusto Valentim da Cruz. UMA ANÁLISE DO COTIDIANO ESCOLAR À LUZ DO VIDEOCLÍPE 'ANOTHER BRICK IN THE WALL'. **Consciesi:** Revista Científica do Centro Universitário de Itapira, Itapira, v. 03, n. 01, p. 65-71, out. 2018. Disponível em: <https://www.uniesi.edu.br/instituto/revista/arquivos/v03n01/66-258-1-PB.pdf>. Acesso em: 11 maio 2022.

VASCONCELOS, Maria Lucia Marcondes Carvalho; BRITO, Regina Helena Pires de. **Conceitos de educação em Paulo Freire.** 6. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014. 196 p.